

CCB

**SE NÃO ÉS LÉSBICA,
COMO É QUE TE CHAMAS?
DE ALICE AZEVEDO**

23 ABR A 4 MAI 25

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Teatro
Black Box
Ter a Sex, 20h00
Sáb, 19h00
Dom, 17h00
M/16



Acessibilidade: Sessão de 4 de maio (domingo)
com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

Texto e encenação **Alice Azevedo**

Assistência de encenação **Pedro Baptista**

Elenco **Alice Azevedo, Cristina Carvalho, Isaac Veloso, Teresa Coutinho**

Cenografia **Daniela Cardante**

Construção de cenografia **FPSolutions**

Desenho de luz **Manuel Abrantes**

Figurinos **Inês Dias**

Desenho e operação de som **Isaac Veloso**

Produção executiva **Beatriz Cuba**

Gestão administrativa e financeira **Ana Pereira**

Coprodução **Causas Comuns, Teatro do Bairro Alto**

Residência **O Espaço do Tempo**

Agradecimentos **Frigoríficos Imperial, Livraria Aberta, Maria Gonzaga,
Pedro Carinhas, SOLO Club Cascais**

Fotografias **Bruno Simão**

A Causas Comuns é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal

– Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes e é membro da Performart

– Associação para as Artes Performativas em Portugal.

**CAUSAS
COMUNS**



TBA



© Bruno Simão

SINOPSE

Três lésbicas entram num bar. Não se chamam lésbicas, como podem imaginar. Serem ou não mulheres é uma questão que se coloca. Entram num bar, lésbico. Querem beijar quem lá anda, mas uma não gosta de lá estar: não gosta de guetos, não acredita em rótulos. Uma vez teve um ataque alérgico com uns enlatados porque não acredita em rótulos. Para que são precisas essas palavras todas? Ela gosta de mulheres e pronto. As outras passam a explicar. Partindo da frase «Se não és lésbica, como te chamas?» (título de um artigo publicado na 1.ª edição da revista *Lilás*, em 1993), este espetáculo lança-se por uma investigação sobre essas tão mal-afamadas palavras que ao longo do tempo foram descrevendo ou prescrevendo o que eram certas pessoas, comunidades e práticas. Faz uma viagem pela literatura lésbica para traçar uma história: das palavras e da falta delas. Lésbicas ou não, todas somos algo – muitas coisas, até. Algumas das quais temos orgulho, outras, vergonha, outras nem pensamos muito sobre ser ou não ser. Há espécies em vias de extinção no meio disto tudo? Podemos ser de onde somos se não soubermos a história do nosso país? E se não soubermos a história das nossas lésbicas?



someone will remember us

I say

even in another time

Safo, tradução de Anne Carson em *If not, winter*

A memória é uma coisa tramada. A pessoal, e a coletiva, nenhuma se safa. Nem a Safo. Afamada por ter sido a primeira lésbica, é uma figura da história na medida em que sabemos que existiu. Quanto ao resto, ou não sabemos, ou não sabemos bem. Ela persiste no nosso imaginário, dada a neblina dos factos, mais como mitologia do que história. Mas a mitologia é muito mais forte e persistente do que a história, e nada as impede de andarem de mãos dadas.

A história do lesbianismo não existe — isto é, ela faz-se. Como, de resto, toda a história. Ela existe na medida em que se faz. A história não se colhe nas silvas, embora às vezes pareça, dependendo de que lado da história estamos. Às vezes temos de ir vasculhar à nossa procura, e arranhamo-nos mesmo quando estamos quase a conseguir agarrar uma menção que nos foi feita, escondida debaixo das entrelinhas.

A história serve o presente, não o passado. A história não é o que aconteceu. História é o que achamos que aconteceu, e o que decidimos achar sobre isso. E com essa consciência, do que aconteceu e queremos honrar, ou do que aconteceu e não podemos permitir que volte a acontecer, fazemos política.

O texto seguinte, do primeiro número da revista *Lilás*, diz mais sobre quem o escreveu do que sobre quem o lê – mas isso todos os textos da história. Está datado, em numeração árabe. Ao fim de 31 anos (que celebrou em março), ele ainda levanta questões importantes. Podendo ser problemático ou ofensivo no uso que faz de alguns termos identitários, convido-vos a lê-lo criticamente, leitoras emancipadas.

Creio que este texto nos diz menos sobre as palavras que usa e mais sobre a gramática em que as organiza. Uma gramática do medo, da vergonha, do orgulho, do amor. Sabendo a gramática, a sintaxe apropriada, o vocabulário é o menos. Deixo-o ao vosso critério. Eu sou lésbica. E tu, como é que te chamas?

Alice Azevedo

Se não és lésbica, como te chamas?

Sair da concha é o primeiro passo para aceitar a nossa sexualidade mas, mesmo já fora da concha, porque é que há tantas mulheres que se arrepiam quando se fala do termo lesbianismo? O que nos leva a recusar chamarmo-nos lésbicas, mesmo quando já estamos juntas com uma mulher?

São várias as razões que levam uma lésbica a aceitar-se com orgulho, enquanto outra foge a sete pés ao ouvir a palavra. O medo, como todas nós sabemos, influencia muito o nosso comportamento e o nosso bem estar. Para muitas, o medo da rejeição dos amigos e especialmente dos familiares faz com que mascaremos as atitudes, os gestos e a maneira de falar, para que ninguém adivinhe o que nós próprias temos vergonha de assumir frente aos outros.

Há mulheres que, mesmo numa relação, se recusam a falar com a companheira acerca do seu lesbianismo. Para elas, a palavra lésbica é tabu - podem-se amar, mas não há razão para falar nisso. Dentro do próprio lesbianismo, o seu comportamento é dividido ao extremo - enquanto estão sós, fechadas num quarto ou fora de vista, tudo está colorido, mas no momento em que enfrentam o mundo lá fora onde correm o risco de ser reconhecidas ou onde se pode vir a perceber o que são, então tudo muda, ao ponto de serem frias, bruscas e desligadas da sua amante. O medo de se revelarem numa sociedade em que muitas vezes este tipo de relação é vista como anormal tem um impacto esmagador no seu comportamento.

Para outras mulheres, negar ser lésbica é uma maneira de sentir que ainda podem vir a mudar. Muitas vêm a sua situação como uma fase que mais tarde vai ser ultrapassada. É só uma experiência porque no fim hão-de casar, ter filhos e viver uma vida "normal".

Outras preferem, se insistimos em fazê-las confrontar os seus sentimento, chamar-se bissexuais, não só porque acham que ainda são atraídas pelo sexo oposto (1), mas porque é mais fácil de aceitar - tanto elas como a sociedade em geral - o seu "desvio". Mas quem aceita o seu lesbianismo, aceita-o com orgulho e sem vergonha, porque para elas amar uma mulher é positivo. Outras ainda gostam de ser diferentes, sentir que não fazem parte das normas da sociedade mas que vivem num mundo onde têm os seus próprios símbolos, regras, bares, maneira de vestir etc. E pensam que é um desafio sentir-se diferente e que muitas vezes dá gozo chocar ou dar nas vistas com aquilo que são - não têm medo de se assumir.

Mas ao fim e ao cabo, todas estas mulheres dão valor a uma relação onde há uma igualdade, amizade e compreensão que não existe entre homem e mulher, uma das razões que levaram muitas feministas nos anos setenta a optarem conscientemente por uma relação lésbica - vendo o patriarcado como discriminatório e opressor e a heterossexualidade como um apanágio desta desigualdade.

Contudo, na minha opinião, uma das razões mais importantes que nos leva a aceitar ou negar chamarmo-nos lésbicas é a própria auto-imagem que temos da palavra. Infelizmente, a palavra lésbica tem tido conotações negativas, e é difícil usar a palavra com orgulho, quando os homófobos a usam quase como palavrão. O que temos de fazer é inverter o sentido da palavra, dizendo que "sim, sou lésbica, amo mulheres e tenho orgulho, e ninguém me pode fazer sentir mal por causa disto". Isto é lesbianismo. Isto é uma consciência lésbica.

Rebeca



© Ana Viotti / TBA



© Ana Viotti / TBA

Alice Azevedo

É licenciada em Artes do Espetáculo pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Estética e Estudos Artísticos pela NOVA FCSH. Criou, em 2024, *Se não és Lésbica, como é que te chamas?*, no Teatro do Bairro Alto. Em 2023, *Nau Nau Maria*, uma coprodução do Teatro Nacional D. Maria II. Em 2022, criou as leituras encenadas *Literatura de Sodoma e de Safo, se faz favor*, uma revisitação do escândalo literário de 1923, recuperando a figura de Judith Teixeira. Em 2021, criou a peça-vídeo *Declaração do Dia Mundial do Teatro*, para o festival Estar em Casa, do São Luiz Teatro Municipal. Cocriou nesse ano, com Lila Tiago, *NOS SUNT – Uma Exibição*, para o Festival Interferências da Companhia Olga Roriz e, em 2020, a peça-vídeo *Tágides, Exemplos*, para o Teatro do Bairro Alto. Enquanto atriz, destaca o trabalho que tem desenvolvido com Cristina Carvalhal e Teresa Coutinho.

Cristina Carvalhal

Licenciada em Teatro-Educação (Escola Superior de Teatro e Cinema) em 1986, trabalha como atriz em teatro, cinema e televisão. Foi distinguida em 1989 com o Prémio Teatro Revelação e, em 1993, com o Prémio Interpretação Feminina (jornal *Sete*). Dirige a estrutura teatral Causas Comuns desde 2011. Criou os espetáculos *Uma Família Portuguesa*, apresentado em Turku, Capital Europeia da Cultura 2011, e *A Orelha de Deus*, Prémio Teatro Melhor Espetáculo 2010 – SPA, entre outros. Docente em diversas escolas superiores. Cofundadora da companhia Escola de Mulheres (1995). Realizou o filme *Armários Vazios* (2022), a partir de M. Judite de Carvalho, uma coprodução Ukbar Filmes/RTP.

Isaac Veloso

Reside em Lisboa e iniciou o seu percurso no mundo artístico num curso de Som e Produção Musical. Na música, apresenta-se como pianista, produtor musical e DJ. Atualmente, estuda Jazz no Hot Clube de Portugal. Estagiou na editora e discográfica Discotexas e trabalha como técnico de luz e de som, em espetáculos ao vivo com Moullinex e GPU Panic, sendo o principal artista. Em 2022, entrou no universo de sonoplastia e estreou-se em teatro com Alice Azevedo em *Nau Nau Maria*, em colaboração com o Teatro Nacional D. Maria II, posteriormente em *A Missão da Missão*, do coletivo Aurora Negra, no Teatro do Bairro Alto, bem como digressões internacionais da peça autointitulada *Aurora Negra*. Em 2024, entrou em *Se não és Lésbica, como é que te chamas?*, de Alice Azevedo, na criação de sonoplastia e como intérprete. Ainda no mesmo ano, assumiu a direção técnica de *Volta Para A Tua Terra* e *Madrinhas de Guerra*, de Keli Freitas.

Teresa Coutinho

Nasceu em 1988 e é atriz, criadora e dramaturga. Fez a École des Maitres 2016, edição orientada por Christiane Jatahy. Criou *PEÇO A PALAVRA* (2023), *SEM MEDO* (2023), *SOLO* (2021), *DISTANTE*, de Caryl Churchill (2021), *O ETERNO DEBATE* (2020), *A LEVEZA DAS COISAS – um espetáculo radiofónico* (2020), *WAYS OF LOOKING* (2017), entre outros. Como atriz, trabalhou com Christiane Jatahy, Tim Crouch, Catherine Marnas, Rogério de Carvalho, Carlos Avilez, Ricardo Neves-Neves, Raquel Castro, Nuno Cardoso, Os Possessos, SillySeason, entre outros. Foi assistente de encenação de Gus Van Sant, Tiago Rodrigues, Faustin Linyekula, Natália Luiza e Beatriz Batarda. É coordenadora do Clube dos Poetas Vivos no Teatro Nacional D. Maria II e do Clube de Leitura do BATALHA – Centro de Cinema.



JÁ A SEGUIR

TEATRO

O LAGO DOS CISNES DE DANIEL GORJÃO

O Lago dos Cisnes é um espetáculo que reescreve a ideia de cânone. Não só reescreve para linguagem teatral uma linguagem que é do bailado, como reescreve uma ideia de belo, de gracioso, de cisne, trazendo para a cena todos os tipos de corpos. Não é uma adaptação textual de uma famosa partitura, mas antes uma especulação sobre este bailado e sobre a forma como ele pode reverberar nos dias de hoje.

28 A 30 MAIO 2025

Quarta a Sexta, 20h00

Pequeno Auditório



**Acessibilidade: Sessão de 29 de maio (quinta-feira)
com interpretação em Língua Gestual Portuguesa**

Classificação etária: A designar pela CCE

Produção **Teatro do Vão**

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

